

NOVA METODOLOGIA DIFERENCIADA DE ENSINO

Diogo Pereira Ferraz¹

Carla da Silva Moraes²

Beatriz Koneski Santangelo Molleta³

RESUMO: Este artigo tem como finalidade situar aluno e professor na nova realidade social que vivemos, buscando compreender o aluno em suas particularidades, de maneira individual, lançando um olhar sobre aspectos sociais e suas expectativas com relação ao método de ensino em sala de aula, e auxiliar o professor na aplicação de uma metodologia diferenciada de ensino na área de História.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de História. Realidade Social. Relação Professor-Aluno.

1 Introdução

Viver em uma época aonde a informação nos chega quase em tempo real, e o que era novidade em pouco tempo torna-se ultrapassado, e quando, todos esperam que o indivíduo responda às nossas expectativas na mesma velocidade de uma máquina, este cenário educacional que nos vivemos leva a indagar: Como o Professor deve se portar nesta nova realidade?

De maneira generalizada, o aluno é um ser único e individual, que se remodela de tempo em tempos, se enquadrando no contexto da sociedade de sua época assimilando e interagindo com o seu meio social, criando assim seus valores e construindo seu caráter.

Podemos de certo modo afirmar que, pouco mudou o olhar do professor

¹ Acadêmico do Curso de História da Univali – Itajaí.

² Acadêmica do Curso de História da Univali – Itajaí.

³ Professora orientadora de Estágio Supervisionado do Curso de História da Univali – Itajaí. E-mail: beatrizm@univali.br.

com relação aos seus alunos, sua maneira de lecionar e avaliar no transcorrer das décadas de 80, 90, e 2000. Muito se discutiu a respeito de metodologia de ensino durante esses 30 anos, mas, o que se vê em salda de aula, não difere muito das aulas ministradas nas décadas passadas. Hoje em dia se perpetua a forma de ensino linear, jesuítica, e positivista, nas instituições públicas de ensino, onde com a chegada do final de cada bimestre, realiza-se uma avaliação em forma de prova, pontuando o grau de conhecimento do aluno, somente através deste artifício.

2 Ícone professor

A partir de agora vamos desmontar esse sistema, seu modo de ensino, avaliação e interpretação do aluno como massa uniforme identificando-o como indivíduo singular (parafraseando Dayrell).

Trata-se de compreendê-lo na sua diferença, enquanto indivíduo que possui uma historicidade, com visões de mundo, escalas de valores, sentimentos, emoções, desejos, projetos, com lógicas de comportamentos e hábitos que lhe são próprios. Dayrell, 1996.

Percebemos que, para atingir o aluno, se faz necessário repensar as metodologias de ensino neste contexto específico, o ensino de história, e assim compreender, que para uma nova metodologia é necessário saber a importância do professor na formação dos valores da sociedade, o seu papel nas instituições de ensino e na vida do aluno.

O professor deve estar consciente de tudo o que acontece na sua vida é trazido para dentro de sala de aula. Pois nossa personalidade é tomada no decorrer de nossa existência, por nossas escolhas, ajudando a formar dentro de nós um arcabouço mental, que por sua vez, ajudará a construir nosso caráter, que advêm dos aprendizados que temos no decorrer de nossa vida, através das informações, estudos e principalmente pelos exemplos que recebemos ao longo desta jornada. Portanto o ensino ministrado pelos professores antecede, em muito, a sala de aula, cabe citar parte do texto do livro: Temas e Textos em Metodologia do Ensino Superior de Maria Castanho.

Mas no meio de tudo isso, não é um Super-Homem ou uma Super-Mulher: tem anseios, dúvidas, medos, inseguranças, sonhos, esperanças e desesperanças. Vivemos contextos em que é difícil ser esse professor. O presente texto é um convite para que cada um busque tornar-se um professor marcante e inesquecível na vida de seus alunos. Castanho, 2001.

A palavra tem em si grande poder, capaz de fazer grandes revoluções, o bom professor ensina através da palavra, mas o excelente professor ensina também pelo exemplo, pois se a palavra convence, o exemplo arrasta. O aluno deve ver no professor, alguém em que possa se espelhar, tendo no educador, um exemplo a ser seguido.

Para boa parte dos professores, não todos é verdade, a sala de aula se reduz a uma relação simples e linear entre eles e seus alunos, regida por princípios igualmente simples, como descrevemos no início deste trabalho, os alunos são vistos de forma homogênea com os mesmos interesses e necessidades, quais sejam o de aprender conteúdos, materializando o seu papel. O professor parece não perceber, ou não levar em conta, a trama de relações e sentimentos existentes na sala de aula. O seu olhar percebe os alunos apenas enquanto seres de cognição, e, mesmo assim, de forma equivocada, sua maior ou menor capacidade de aprender conteúdos e comportamentos, sua maior ou menor disciplina. Dayrell, 1996.

Portanto, não podemos fazer distinção de dentro ou fora de sala de aula. Somos professores 24 horas por dia. Diferente de um médico, que tem a responsabilidade de salvar a vida de um paciente naquele único instante, ou de um engenheiro que constrói edificações com a preocupação de que não caia sobre nossas cabeças, o professor é o profissional mais importante no contexto da formação, pois os exemplos deixados por ele acompanharão seus alunos por toda a vida.

O professor tem em suas mãos, mentes de jovens que estão construindo suas personalidades, verdadeiros livros em branco esperando serem escritos, e tudo aquilo, que for repassado será assimilado a ele, seja bom ou ruim, uma responsabilidade imensurável ao Professor. Por isso é importante vigiar, pois deste modo não se faz divisão (e nem deveria) entre profissional com pessoal. Somos responsáveis por aqueles que cativamos, mesmo que não queiramos tal

responsabilidade, nos é delegada, indiferente de nossa vontade. Por isso é válido ressaltar, profissional da educação é educador em tempo integral e para se ter excelência, deve educar pelo exemplo.

O aluno de hoje difere do aluno de décadas passadas. A sociedade vive um momento de transição de valores e o jovem está no meio deste turbilhão de contextos sociais antes vistos como proibidos, e agora discutidos abertamente fora e dentro de sala de aula, logo, não deixando de ser polêmicos. O jovem na atualidade quando comparado com de outras décadas, é mais tolerante, mas menos paciente, e consegue conviver com todo tipo de diversidade existente, seja material ou imaterial.

Quando se transita pelas escolas, no acompanhamento de estágios ou na realização de pesquisas, muitos dados vão emergindo. Os professores, de um lado, reclamam de alunos passivos para o conhecimento, sem curiosidade, sem interesse, desatentos, que desafiam sua autoridade, sendo zombeteiros e irreverentes... Os alunos, de outro lado, reivindicam um ensino mais significativo, articulado com sua experiência cotidiana, um professor "legal", "amigo", menos autoritário, que lhe exija menos esforço de memorização e que faça da aula um momento agradável. Caimi, 2006.

É preciso existir uma amizade sincera com o aluno, buscar saber sobre suas preferências e opiniões, de sua realidade sócio-cultural e familiar, quais seus valores e de sua comunidade. O professor deve buscar cativar seus alunos, isso o levará a ter alunos curiosos e interessados. Vale salientar que muitos destes alunos bagunceiros agem desta maneira para ter a atenção do professor e dos colegas, atenção que muitas vezes não tem em casa. Age desta maneira quase que num ato desesperado de pedido de socorro. Cabe ao professor estender a mão auxiliando-o em tal situação.

Vivemos uma época que a informação nos é mostrada numa velocidade alucinante, e o desrespeito do aluno, é o reflexo da pouca importância que ele dá ao professor, pois para ele, a informação que o professor repassa está a um clique de distância.

Portanto ele se pergunta: “para que estudar, se tenho toda informação ao meu alcance.” realmente, informações todos nós temos à disposição, mas assimilá-la,

fixá-la, e transformá-la em conhecimento, somente é possível com auxílio do professor.

Na atualidade, quando o mundo passa por profundas transformações e rápidos avanços no sentido econômico, social, político e tecnológico, a escola precisa "agilizar" a sua caminhada para que a educação acompanhe esse permanente processo de mutação. Para a escola esta inserida e articulada ao contexto social é preciso pensar em uma educação dinâmica humanística, formativa e acima de tudo democrática. Ela não é a única responsável pela justiça social, mas precisa através de um trabalho educativo eficaz e coerente amenizar as desigualdades e preparar o indivíduo da melhor maneira possível para enfrentar a problemática do cotidiano. Rocha, 2003.

Frente a esta problemática é importante uma prática de ensino eficaz, atrativa, abrangente e de fácil compreensão, sem esquecer que o mundo atual é resultado do processo histórico. Você deve estar se perguntando: Como fazê-lo? Primeiro é importante avaliar as fontes que serviram como base para a elaboração da aula, sua veracidade e conceito.

Avaliação criteriosa das fontes e suas relações com o contexto histórico, da sistematização corrente do conhecimento, da elaboração de conceitos, tudo através de uma ação interpretativa, voltada para o trabalho que se realiza. É interessante refletir sobre as relações entre os elementos envolvidos e as implicações desse processo. Rocha, 2003.

O Professor precisa planejar suas aulas conforme Castanho (Castanho,2008), os alunos percebem quando a aula não foi planejada, também é de suma importância buscar identificar qual o conhecimento que o aluno tem sobre a matéria em questão e a partir deste ponto dar forma a abordagem do conteúdo ministrado. Aulas expositivas auxiliam no aprendizado do aluno, mas devem ser ministradas de maneira diferenciada, podendo lançar mão de teorias como a da modificabilidade cognitiva estrutural.

Formulada pelo psicólogo Reuven Feuerstein, baseia-se na premissa de que existe um potencial de aprendizagem a ser desenvolvido por qualquer sujeito, independente de sua idade ou origem étnica ou cultural. De acordo

com Feverstein, a maioria de nós apresenta uma série de "funções cognitivas deficientes", ou seja, nossos processos mentais raramente operam em um nível ótimo de funcionamento. A partir de uma avaliação adequada, e com auxílio de instrumentos concretos de apoio psicopedagógico, a grande maioria dos indivíduos torna-se então capaz de desenvolver essas potencialidades. Meier, Marcos. Garcia, Sandra, 2007.

O cérebro é um grande computador, que armazena inúmeras informações, que são acessadas por links e quanto maior for seu uso mais fácil será o acesso a determinada informação. Com o passar do tempo muitos destes links vão se perdendo, a memória apaga, por isso a importância de haver vários links que nos levem às mesmas informações. Cabe ao professor repassar essas informações e criar esses links alternativos de acesso. Imaginemos o aluno que recebe todo o conteúdo escolar de uma mesma maneira, tendo um único "link" para acessar todo esse conhecimento, lecionado por todos os professores de uma mesma maneira. Para se ter êxito na fixação do conhecimento repassado, o professor precisa estimular mais de um sentido do aluno e provocar um sentimento relativo ao conteúdo. Exemplo disto é a leitura de um texto de maneira extrovertida, com uma vela aromática em sala, uma maneira diferente de se dar uma aula expositiva. Mas o aluno não aprende somente ouvindo, ele precisa manipular conceitos. Digamos que a aula em questão seja sobre pré-história, imagine que fascinante para os alunos poder ter a oportunidade de participar de uma escavação arqueológica e isso pode ser feito no pátio da escola, de maneira improvisada, vejamos:

O professor delimita a área para a retirada de uma pequena camada de terra, depois depositam materiais como um vaso quebrado, uma pequena quantidade de carvão rodeada por pedras, formando uma espécie de fogueira, ossos de galinha simulando algum tipo de fóssil, e palha, de maneira reconstruir uma cama primitiva, ou algo do gênero, recoloca-se a camada de terra, monta-se os quadrículos e após isso, é só começar a escavação e catalogação, utilizando-se de utensílios simples como colheres e pincéis. Cada grupo pode ficar responsável por um quadrículo, tendo de escavá-lo, catalogá-lo e desenvolver um relatório do que encontrou, para que no final da escavação, possam juntar esses relatórios e realizar

uma leitura da "civilização descoberta". Temos assim, um exemplo de aula, onde os alunos não só aprendem a respeito de pré história e arqueologia, mas também a trabalhar em grupo e a elaborar um relatório. O professor deve ter em mente, ao avaliar uma atividade destas, que só porque o aluno não a realizou como ele a esperava não quer dizer que a metodologia seja inadequada ou que o aluno não aprendeu.

A avaliação acontece de forma contínua gradativa, cumulativa e produtiva em todos os momentos da aprendizagem. O aluno é o centro do processo onde recebe atendimento individualizado nas suas dificuldades específicas e/ou socializadas se as deficiências forem comuns no grupo e pertinente destacar a viabilidade do trabalho com textos analíticos, documentos de época, textos oficiais, cartas, letras de musica, artigos de jornais, fotos. Rocha, 2003.

A nova metodologia diferenciada de ensino, em suma, defende a independência dos alunos, criando um relacionamento cordial e amistoso dentro de sala de aula, lançando uma visão crítica da sociedade e educando através do exemplo, estimulando um estreitamento de vínculo entre professor e aluno, criando uma amizade entre ambos. Propor uma metodologia de ensino é algo complexo, é uma tarefa quase hercúlea. Por isso é passível de avaliação e enriquecimento.

3 O legado do sistema educacional: o que ficou e o que vamos deixar?

Parafraseando Auguste Comte: "Toda educação humana deve preparar cada um a viver para os outros". O que seria a digna profissão de Professor se não uma doação ao próximo? Uma doação tão complexa dentro de suas responsabilidades e o que isso acarreta, a ação transformadora desses profissionais do saber é tão deslumbrante que nos faz despertar e desejar fazer parte dos acontecimentos históricos.

No atual cenário brasileiro de aprendizagem é possível identificar consequências da educação desenvolvida pelos jesuítas no período colonial, ainda constatamos a existência de um atendimento privilegiado as classes mais

favorecidas economicamente, e do outro lado, para classes em níveis de pobreza e extrema pobreza, a dificuldade ao acesso à educação, mesmo em nível básico, atinge uma população por vezes esquecida pelos governantes. São muitos os fatores que determinam essas dificuldades. Em muitas regiões onde instituições de ensino se localizam distantes das comunidades, o que vemos é um movimento solidário onde a própria comunidade tenta cumprir o papel falho do estado, no exercício a Educação. Essa prática não difere num modo geral do que ocorreu no contexto educacional em séculos passados. Outra característica é ainda a predominância da literatura e da oratória sobre às ciências naturais e exatas, podemos observar essa inclinação facilmente nos registro do histórico escolar comparando as horas aulas de cada disciplina. Conseqüentemente o positivismo e outros métodos jesuíticos ainda prevalecem até hoje na estrutura escolar, tal como a ordem de posicionar-se em filas, o quadro central para atividades e manter o silêncio, por mais que debates façam parte do processo evolutivo de ensino.

Viñao, 1993, descreve assim: Deixemos a menina que fala como um livro, um livro que não entende, mas por cuja leitura memorizada será avaliada sua inteligência.

Eis a diferença entre decorar e aprender, a relação entre o memorizar e o saber. Avaliar a inteligência de modo induzido e fechado é estreitar o horizonte do aluno e alargar cada vez mais os laços entre fazer o aprendizado e prazer no aprendizado.

Ausubel, 1980, indaga sobre o que se deve observar: Descubra o que ele sabe (aluno) e baseie nisso os seus ensinamentos.

Saviani, 1998 em seu texto: As políticas educacionais, as reformas de ensino e os plano e diretrizes, faz um recorte aos métodos educacionais tradicionais, e explica de que forma os professores, no cotidiano do trabalho docente junto aos alunos e à comunidade, pode contribuir para a transformação social. Saviani cita o tempo de permanência na escola, as modificações, e as expectativas oriundas desses processos, as mudanças intensas que afetam a escola em vários aspectos,

ainda regida pelos métodos pedagógicos tradicionais. A escola é cenário histórico de transformação, o que nos leva a pensar que não será assim sempre. Propõe a escola como local também de lazer, acessível á todos, onde o aluno tem voz e é protagonista de sua história.

Os professores são os propulsores desta transformação, precisam aproximar a comunidade, trabalhar em integração, assim será possível reconstruir o mundo ao seu redor, se começar a princípio por si próprio. Os professores devem ousar buscar novos métodos, mas também se adaptar a nossa realidade, trabalhar cada vez mais a inclusão social, e acima de tudo acreditar. O Trabalho, a inovação e o desejo de mudar são capazes de quebrar os paradigmas educacionais impostos por uma sociedade capitalista que não vislumbra o horizonte de aprender com as diferenças, aprender o diferente, para transmitir o conhecimento que é universal.

A Inserção de novos métodos de ensino vem contribuindo como material de apoio ao conteúdo didático, a utilização de instrumentos musicais, cenários, humor leve e apresentações teatrais, visam diminuir a distância entre passado e presente e possibilita a ligação entre o que você lê e o que você vê.

Imagine uma sala de aula, com o “velho quadro negro que na verdade é verde ou azul”, carteira em fileiras. É perceptível o direcionamento do pensamento dos alunos, que geralmente prendem sua atenção ao conteúdo do livro didático. Porque não aproveitar dessa situação para aplicar métodos que servirão como a ponte que os levarão ao conhecimento?

Não importa se o professor sabe ou não cantar, sabe ou não tocar um instrumento, ou tão pouco interpreta ou não é exímio dançarino, a diferença está na capacidade de ousar, ousar mudar sua conduta no sentido de abrir a sua própria mente e a mente do aluno, a quem expressamente tem o dever de expandir o horizonte.

Snyders, (1995), compara o professor a um intérprete, sendo sua função tornar a obra o mais acessível possível, o mais presente possível. E que, por mais que não passe de um intérprete, o professor adquire algo da grandeza daqueles que

ele apresenta, que ele representa. Em suma, a aluno tem necessidade de que um caminho tenha sido desbravado entre o que ele já sabe, sente aquilo de que tem necessidade para sua própria busca, e as novas contribuições. O professor pode e deve ser esse mediador.

Será uma alegria essencial para muitos estudantes encontrar-se diante de uma pessoa – uma pessoa que realiza nos melhores casos, a união de uma competência com um conjunto de convicções e de uma experiência de vida, em suma, um avanço de vida: eis aí o que pode constituir a fonte de sua autoridade. No caso mais favorável, os alunos serão sensíveis a um sopro, a um brilho – não ousa dizer uma radiância. Alegria desenvolvida por um ensino verbal e personalizado; a comparação entre a profissão de ator e a de professor ganha aqui todo o seu sentido: "A palavra viva e o contato pessoal não são substituíveis pela leitura, assim como uma peça teatral lida não substitui uma peça de teatro representada". Em ambos os casos, há a interpretação: um indivíduo se envolve profundamente, presença física que se prolonga em presença individual e individualizante. A palavra e as atitudes podem modular-se: nem sempre graves, às vezes ligeiras e rápidas, ousando mesmo a meia-voz nos instantes de extremo silêncio. (Snyders, 1995, p. 106-107)

Não é difícil identificar o desinteresse e a dificuldade de concentração dos alunos, crianças, adolescentes e até mesmo adultos, num mundo onde a velocidade já é pré-requisito, as coisas acontecem instantaneamente e neste embalo estão se fabricando as novas gerações movidas a Internet, café expresso, e raciocínio induzido. Quando cito o raciocínio induzido, me refiro à renúncia da capacidade de pensar por si próprio, a preferência por conceitos já formados e a aceitação sem questionamento de outros pontos de vista, geralmente falhos ou sem bases de fundamentação. É preciso quebrar esses paradigmas, implantar o argumento da dúvida para explorar o desconhecido, por mais que já se conheça alguns aspectos. Para se chegar a uma conclusão se faz necessária a análise por diversos ângulos e certamente sobre esse assunto se estenderão muitos debates que, a princípio, parecia se tratar de um fato inquestionável.

Mas o que leva a acreditar que com a modificação ou inclusão de alguns métodos adicionais no ensino se tornaria possível aguçar a criatividade recuperando e fazendo tomar gosto até o aluno mais desatento?

Criar é o ato de originar alguma coisa. Ser criativo é viver adaptando formas de expressões as necessidades da vida. O processo criativo está em desenvolvimento quando somos capazes de criar ou recriar determinadas situações com a qual nos deparamos. Para estimular a criatividade, é necessário que o professor seja criativo para estimular a criança, podendo auxiliar na reelaboração do pensamento para idéias produtivas. A música por si só contribui para o desenvolvimento criativo. WEIGEL, 1988.

Esta é a resposta e a proposta, aprender deve ser divertido, precisamos tornar o ensino mais prazeroso, então porque não usar a tecnologia ao nosso favor? A música? A velocidade como ponto positivo? É preciso trazer o aluno para um ambiente onde ele se identifique como pessoa, como personagem como ser humano participador da sua história, onde conheça sua evolução, onde ele deseje estar, ficar e conseqüentemente aprender. Por que não usar mais recursos visuais, cenários, roupas épicas, acessórios, dar vida há alguns personagens históricos, vestir o personagem e despir de conceitos obsoletos? O professor é uma figura essencial na reconstrução de uma nova proposta de educação. Precisamos evoluir para acompanhar o ritmo acelerado e ser atrativo aos olhos de nossos alunos. O professor é uma atração, ele pode e deve fazer de sua aula um espetáculo.

Segundo Kanitz, 2012, ensinar a observar deveria ser tarefa número 1 a educação. Quase metade das grandes descobertas científicas surgiu não dá lógica, do raciocínio ou uso da teoria, mas sim da simples observação.

No princípio, observar parece tarefa simples, mas o caminho entre perceber a informação e saber o que deve ser feito com ela não é tão simples assim. O foco do ensino esta na didática programada do conteúdo, a avaliação é realizada de maneira uniforme com base no resultado geral, porem se esquecem, em quase todas as disciplinas, do olhar aprofundado sobre o campo da observação, acaba passando despercebido como que se observar não fosse tarefa importante. Um conteúdo sem tempo hábil para observação é como "engolir um alimento sem mastigá-lo".

Se eu fosse ministro da educação, criaria um curso obrigatório de técnicas

de observação, quanto mais cedo na escala educacional, melhor, Incentivaria os alunos a estudar menos e a observar mais, e de forma correta. O curso teria diariamente exercícios de observação, como: 1. Pegue uma cadeira de rodas, vá à escola com ela por uma semana e sinta como é a vida de um deficiente físico no Brasil. 2. Coloque uma venda nos olhos e vivencie o mundo como os cegos o vivenciam. 3. Escolha um vereador qualquer e observe o que ele faz ao longo de uma semana de trabalho. Observe quanto ele ganha por tudo o que faz ou não faz. Kanitz, 2004.

4 tente, invente, prepare uma aula diferente!

Livros, brinquedos, jogos, vídeos, músicas e outros tipos de materiais lúdicos podem, e devem ser utilizados no desenvolvimento educacional dos alunos.

Fazendo menção ao FILME “ESCOLA DA VIDA” do diretor William Dear, 2005, o enredo apresenta a rotina e a realidade de uma instituição de ensino e destaca as diferenças entre os métodos educacionais praticados pelos professores e os efeitos que esses métodos causam nos alunos. Em particular retrata uma lição de vida a um professor apegado aos métodos didáticos tradicionais que no decorrer da trama e seguindo o exemplo de um professor inovador passa a incorporar à sua didática características e métodos inovadores, atitude que desperta novamente a sua paixão pela arte de ensinar, lhe traz equilíbrio, influencia e resgata sua identidade profissional. Saliento as ações desenvolvidas pelo Professor D, durante sua prática pedagógica e a forma que influenciaram na constituição da identidade dos outros professores da escola e dos alunos. Os métodos praticados pelo professor "D" foram determinantes para a mudança na concepção de como ensinar, expandiram o horizonte dos professores quanto ao estreitamento entre a relação professor/aluno, deixando em evidencia quem faz a diferença, ensinar com prazer, com doação, com criatividade, fazer uso de todas as ferramentas que estão ao nosso alcance, são lições de aprendizado capazes de mudar o mundo ao nosso redor, essas mudanças partem de dentro do personagem professor para dentro da mente dos cativados, os alunos. Os professores devem se cercar destas praticas pedagógicas e se tornar o personagem de sua arte, construir e resgatar sua

identidade seguindo assim exemplo do Professor "D", personagem deste filme em questão, e exercer a condição de viver a pratica da teoria que se dá.

Tendo em foco a disciplina de História, uma grande contribuição para a didática poderia agregar a atividade de produção de paródias com assuntos voltados ao conteúdo didático. Um trabalho desse porte estimula o aluno a desenvolver além do conhecimento específico as habilidades musicais e motoras. Abaixo exemplifico com paródia produzida sobre o tema: Rotas transaarianas, paródia da musica AUIMAUE (do filme: Rei Leão), de autoria de acadêmicos (as) de História, Licenciatura I período, Universidade do Vale de Itajaí, Santa Catarina.

Ali i i i i i i i i viveram nômades
 Ali i i i i i i i i os povos berberes
 Quando se pensa a historia antiga você vai aprender?
 Falar da áfrica de Mali ao Kongo você vai se surpreender,
 Na distancia imensa o transporte é feito de camelo ou dromedário,
 O comercio de trocas de mercadorias movimenta este cenário,
 Ali i i i i i i i i viveram nômades
 Ali i i i i i i i i os povos berberes,
 Por estas rotas transaarianas dinheiro não se nota,
 Cobre e ouro, sal e especiarias foram moeda de troca,
 No deserto a água pra sobreviver era escassa nas travessias,
 As culturas foram se difundindo e o comercio expandia,
 Ali i i i i i i i i viveram nômades,
 Ali i i i i i i i i os povos berberes,
 Ao que antecede a escravidão do negro na America,
 Tem origem na organização do africano em sua terra,
 Escravizavam como punição pro trabalho ou estratégia,
 Se tornar escravo pra ganhar o pão ou viver longe da guerra,
 Ali i i i i i i i i viveram nômades,
 Ali i i i i i i i i os povos berberes,
 A venda de escravos foi pros portugueses a grande prosperidade,
 Enquanto isso sofriam no trafico tamanha crueldade,
 O comercio de escravos foi farra lusitana retratados pelos fatos,
 Isso fez prevalecer o europeu e seu poder até os dias mais remotos,
 Ali i i i i i i i i viveram nômades,
 Ali i i i i i i i i os povos berberes.

Paródias como essa, tanto pode ser utilizada pelo professor para ministrar o conteúdo de forma divertida e dinâmica, servindo como meio de interação com os alunos, como também por outro lado, se tornam referencia para os alunos no

momento que precisarem relembrar em futuras avaliações, a música torna mais fácil e menos maçante a memorização do conteúdo estudado.

De acordo com Referencial Nacional,1998: A música nas instituições educacionais vem atendendo, ao longo da história a vários objetivos, como: formação de hábitos e comportamentos, festividades, datas comemorativas, memorização de conteúdo traduzidos em canções. Isso reforça o aspecto mecânico, estereotipado da imitação, não deixando espaço para as atividades de crianças ligadas à percepção e conhecimento das possibilidades e qualidades expressivas nos sons. A música acaba sendo tratada como um produto pronto, e não como uma linguagem, um meio de expressão e forma de conhecimento acessível aos bebês e crianças nas diferentes idades.

Esse referencial cita a forma como a música vem sendo trabalhada nas instituições educacionais, de forma casual, mecânica, sem a devida elaboração, trabalhos prontos que não exploram o potencial das crianças, dos alunos. O fato é que para criar, para inovar, é preciso ter uma organização prévia. A música envolve muito mais do que apenas fazer barulho. Tambores rufam, mas na maioria das vezes, estão apenas cheios de ar. Estamos vendo um investimento amplo na área de educação, grande demanda de aparelhos eletrônicos de última geração, mas a grande questão é: Os profissionais da educação, professores, educadores, estão aptos para interagirem com essas tecnologias? E se estão, porque não as usam de maneira criativa? É necessário uma séria reflexão sobre a formação do professor/educador, um professor desmotivado, relapso é um assassino de idéias, além que não as cria, não deixa a de o outro viver.

O professor marcante não dá apenas aulas expositivas, por melhores que sejam - O professor lembrado como marcante geralmente trabalha com variadas técnicas em sala de aula. Não dá exclusividade às aulas expositivas, embora também delas se utilize. Promove várias atividades diferentes e propicia interação grupal. Castanho, 2001.

Podemos mencionar diversos métodos que podem ser utilizados pelo professor e

serem incorporadas ao plano de aula, como alternativa pedagógica, desde a representação de um personagem histórico vestido a caráter, até mesmo as aulas ministradas ao ar livre, além de cenários históricos em sala de aula e a ordem de posicionar as carteiras chamando a atenção central para si, causando maior integração entre os alunos. Todas essas técnicas estimulam a curiosidade no aluno, despertam o interesse e o desejo pelo aprendizado, esta interação só é possível com a didática dinâmica e inovadora do professor.

5 Considerações finais

No contexto educacional atual, em meio a tantas transições, numa sociedade que vive a ascensão tecnológica e é possível conhecer o mundo sem sair de casa, o professor não pode perder a oportunidade de fazer a diferença, abraçar as mudanças e se aperfeiçoar. Uma nova metodologia diferenciada de ensino visa à inovação, permite ao professor abordar, cativar e ser a diferença, encarar as adversidades como uma mola propulsora que pode e vai elevá-lo a outro patamar, educar pelos exemplos, não desperdiçar a capacidade de ser criativo, ousar, não deixar o utopismo corromper, acreditar que os objetivos são possíveis e correr atrás disso, ou melhor, voar atrás disso... “Não perder a chance de abrir as suas asas”, quem voa alto vê mais longe e tem o melhor campo de visão para um pouso fantástico. Quando se quer obter algo que ninguém nunca teve é preciso fazer algo que ninguém nunca fez, acredito que os primeiros passam para um futuro promissor no cenário educacional brasileiro, é fazer da escola um grande palco, da sala de aula um ensaio pra vida, do professor literalmente o mestre de sala, e de cada aluno na sua individualidade um protagonista. Podem ser apenas metáforas, mas passam a fazer todo o sentido, a partir do momento que entendermos: Viver, por si só, já é uma arte, num mundo onde a maioria apenas existe.

REFERÊNCIAS

AUSUBEL, David. **A aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel**. São Paulo: Moraes, 1982.

CAIMI, Flávia Heloisa. **Porque os alunos (não) aprendem história? Reflexões sobre ensino, aprendizagem e formação de professores de História**. Niterói, volume 11, 2006.

CASTANHO, Maria. **Temas e Textos em Metodologia do Ensino Superior**. Ed. Papirus, Campinas, 2001.

COMTE, Auguste. **Pensamentos que nos fazem refletir sobre a Educação**, 75, MEC, 1998.

DAIRELL, Juarez T. **Múltiplos olhares sobre educação e cultura: Escola como espaço sócio cultural**. Ed. UFMG, Belo Horizonte, 1996.

FRAGO, Antonio Viñao. **Alfabetização na sociedade e na história: vozes, palavras e textos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

MEIER, Marcos; GARCIA, Sandra. **Mediação da aprendizagem: Contribuições de Feuerstein e de Vygotsky**. 3. Ed. Curitiba: Gráfica e Editora Venezuela, 2008. 212 p.

Referencial curricular nacional para a educação infantil /Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, v1, p. 47, 48 1998.

ROCHA, Aristeu C. **Proposta metodologica para o ensino de historia, historia na sala de aula**. Ed. Contexto. São Paulo, 2003, p. 37-48.

SAINT-EXUPÉRY, Antonie de. **O pequeno príncipe**. 29. Ed. Agir, Rio de Janeiro, 1985.

SAVIANI, Dermeval. **As políticas educacionais, as reformas de ensino e os planos e diretrizes**. 7ª ed., Campinas: Autores Associados, 1998.

SNYDERS, G. **Feliz na universidade**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1995.

STEPHEN, Kanitz. **Observar e pensar**. Revista veja Ed. Abril, edição 1865, ano 37, n 31, 4 de agosto de 2004, pagina 18.

WEIGEL, A.M.G. **Brincando de Música**. Porto Alegre. Kuarup, 1988.

